

PAULO SERRA

INFORMAÇÃO E SENTIDO
O ESTATUTO EPISTEMOLÓGICO DA INFORMAÇÃO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
COVILHÃ - PORTUGAL

J. PAULO SERRA

INFORMAÇÃO E SENTIDO
O estatuto epistemológico da informação

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Design da Capa: Jorge Bacelar

Execução Gráfica: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior

Tiragem: ?????????????? exemplares

Covilhã, 2003

Depósito Legal Nº 196369/03

ISBN – 972-8790-03-1

ÍNDICE

Introdução	9
------------------	---

Primeira Parte

O PROBLEMA DE PLATÃO E AS RESPOSTAS DA TRADIÇÃO OCIDENTAL

Capítulo I - O PROBLEMA DE PLATÃO	29
1. A teoria matemática da comunicação	32
2. A extensão cibernético-sistémica	36
3. O sentido em questão	41
4. O problema de Platão	47
5. A radicalização platónica de Rousseau	55
6. A actualidade de Platão	58
Capítulo II - AS RESPOSTAS DA TRADIÇÃO	61
1. Os Antigos e a subjectivação da informação	64
1.1. As origens da hermenêutica e a interpretação como aplicação	65
1.2. A escrita de si e a estética da existência	72
2. O cristianismo e a viragem para a interioridade	78
3. Os Modernos e a informação como enciclopédia	84
3.1. A recusa cartesiana da mediação	86
3.2. Os enciclopedistas e o mito da informação	90
3.3. A síntese kantiana	95
4. Duas faces de uma mesma estratégia	98

Segunda Parte
A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A
IMPOSSIBILIDADE DAS RESPOSTAS DA TRADIÇÃO

Capítulo III - A INFORMAÇÃO COMO EXCESSO	103
1. Do excesso de cultura à cultura como tragédia	104
2. A cultura como mercadoria e a sociedade de consumo	110
3. A cultura como informação ou o culminar da tragédia	115
4. Para uma crítica da crítica	120
5. A reprodução técnica e a superioridade da cultura como informação	128
6. A necessidade de reformular o problema de Platão	135
Capítulo IV - O SENTIDO FRAGMENTADO	137
1. A impossibilidade de uma estética da existência	139
1.1. A existência como tarefa infinita	141
1.2. Uma existência sem fins	145
2. A impossibilidade da enciclopédia	147
2.1. Os problemas do projecto enciclopedista	148
2.2. A máquina da memória ou das limitações de uma metáfora	155
3. A sociedade-rede e as razões de uma dupla impossibilidade	163
4. A lição dos Antigos e dos Modernos	170
Capítulo V - IMPLICAÇÕES ÉTICO-POLÍTICAS DA INFORMAÇÃO ...	173
1. O comunitarismo de Rousseau e os seus críticos	175
2. Tocqueville e o papel dos media	183
3. A transparência como necessidade	188
4. A participação como virtude	193
5. O excesso como problema	197
6. De algumas perturbações no político	202
7. O regresso aos clássicos	206

Terceira Parte

AS NOVAS RESPOSTAS AO PROBLEMA DE PLATÃO

Capítulo VI - A INTERIORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	211
1. O ser-no-mundo e o primado da acção	213
2. Conhecimento, conhecimento teórico e informação	216
3. A interacção entre o tácito e o explícito	222
4. Max Weber e a organização burocrática	231
5. A organização e a conversão de conhecimento	235
EXCURSO: Experiência e informação	239
Capítulo VII - A SELECÇÃO DA INFORMAÇÃO	251
1. Significado e implicações do conceito de relevância	254
2. A informação relevante como informação da relevância	260
3. A economia da atenção e a natureza paradoxal dos <i>media</i>	264
4. A Internet e a selecção da informação	270
4.1. Os critérios de relevância dos motores de busca	273
4.2. Questionamento dos critérios de relevância dos motores de busca ...	277
5. As novas comunidades interpretativas	281
Capítulo VIII - A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	291
1. A ordem e os seus efeitos de sentido	293
2. Narrativas e bases de dados – a ordem dos computadores	299
3. A biblioteca universal ou das atribuições de uma metáfora	307
4. O global e o local - hipertexto e bases de dados	317
Capítulo IX - A TRANSMISSÃO DA INFORMAÇÃO E OS NOVOS MEDIADORES	327
1. O jornalismo em questão	329
2. A concepção canónica do jornalismo	333
3. Objectividade jornalística, valores notícia e fontes de informação ...	337

3.1. Objectividade jornalística e valores notícia	339
3.2. Objectividade jornalística e fontes de informação	344
4. O carácter político da "objectividade jornalística"	345
5. O conceito de um novo jornalismo	347
6. O jornalismo <i>online</i>	349
7. Novo jornalismo, velhos problemas	356
Conclusão	359
Bibliografia	369

INTRODUÇÃO

I

Para de algum modo justificarmos a escolha do tema da informação gostaríamos de, à semelhança do prefácio de *As Palavras e as Coisas*¹, começar esta introdução dizendo que o presente trabalho se inspira num texto de Jorge Luís Borges – mais concretamente, numa das suas “novas inquirições” – em que o escritor argentino refere a história do imperador chinês Shih Huang Ti que, tendo vivido no século III a.C. e tendo-se auto-cognominado “O Primeiro”, ordenou, por um lado, a edificação da Muralha da China e, por outro lado, que se queimassem todos os livros que mencionassem os imperadores que o tinham antecedido. Na dupla ordem do imperador vê Borges a tentativa de controlar, simultaneamente, o espaço e o tempo, reduzindo a realidade a um aqui e agora imune à corrupção das coisas e à mortalidade dos homens - numa palavra, a toda e qualquer mudança; reconstituir-se-ia, assim, de certa forma, o mundo como era, como deveria ter sido, no seu início. Borges menciona ainda, em reforço da sua interpretação, outros actos do imperador como a proibição de que se pronunciasse a palavra “morte”, a procura do elixir da imortalidade, o seu encerramento num palácio com tantas portas quantas os dias do ano e, finalmente, o ter tomado, para seu nome, o de Huang-Ti – o nome do lendário imperador a quem os Chineses atribuem a invenção da escrita e da bússola.² Retenhamos, dos actos do imperador, os dois que parecem ter a ver, mais directamente, com o tema da informação: em primeiro lugar, a ordem para se queimarem os livros referentes ao passado e, assim, apagar da memória e da vida dos homens uma parte fundamental dessa vida e dessa memória - eliminando, ao mesmo tempo, as alternativas ao presente presentes nesse

¹ - Cf. Michel Foucault, *Les Mots et les Choses*, Paris, Gallimard, 1997, p. 8.

² - Cf. Jorge Luís Borges, “A muralha e os livros”, in *Novas Inquirições*, Lisboa, Editorial Quercó, s/d, p. 9-12.

passado e nessa memória; por outro lado, a auto-atribuição do nome do suposto inventor da escrita, que simboliza aqui a possibilidade de, sobre as cinzas de uma memória antiga, construir uma nova memória e um novo sentido – mediante a produção da informação apropriada – e, assim, determinar o tempo e a história.

Que o texto de Borges releve de uma “história” mais ou menos mítica não só não o desqualifica como o valoriza ainda mais, se pensarmos no célebre verso da *Mensagem* de Pessoa segundo o qual “O mito é o nada que é tudo” – no sentido em que o mito é uma forma de conhecimento que, revelando em vez de explicar, deixando antever em vez de mostrar, acaba por ser mais rica e produtiva que o chamado “pensamento racional”. No caso do “mito” transmitido pelo texto de Borges, o que ele deixa antever é, subjacente aos actos do imperador chinês, a consciência de que a informação é geradora de um triplo efeito que é, simultaneamente, um triplo poder: um efeito ontológico ou “de realidade” – que tem a ver com o facto de que a informação, longe de “figurar” ou “retratar” uma realidade preexistente, a configura e a “simula” mesmo de uma certa maneira;³ um efeito pragmático ou “de acção” – que diz respeito ao facto de que a informação, uma certa informação em vez de outra, leva os homens a constituírem-se a si próprios e a agirem de um certo modo em vez de outro; um efeito político ou “de transformação” – que decorre do facto de que, sendo a informação da ordem da “memória”, ela contém em si o registo de um conjunto de possibilidades que pode apontar para a ultrapassagem utópica de um presente mais ou menos cristalizado; já que, como se interroga poeticamente Borges noutro dos seus textos a propósito do livro – que, e ao contrário de todos outros instrumentos do homem, ele considera como “uma extensão da memória e da imaginação” –, “o que é o passado senão uma série de sonhos?”⁴

³ - Seguimos aqui Adriano Duarte Rodrigues, de acordo com o qual o “efeito mais notável que o campo dos *media* exerce sobre a nossa experiência do mundo é o chamado *efeito de realidade*”, do qual decorre “o efeito de simulação ou a performatividade dos dispositivos mediáticos, a sua capacidade para antecipar, modelar e substituir o real”. Adriano Duarte Rodrigues, *Experiência, Modernidade e Campo dos Media*, 1999, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt>.

⁴ - Jorge Luís Borges, “O livro”, in *Borges Oral*, Lisboa, Vega, s/d, p. 21. Não é assim por acaso que filósofos muito próximos de nós como Hegel, Marx, Nietzsche, ou mesmo Heidegger, procuram o futuro num verdadeiro regresso ao passado, e mesmo aos inícios. O que mostra também, e mais uma vez, como o pensamento lógico-racional acaba por retomar figuras típicas do mítico.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

